



A ÚLTIMA PALHA

Era mais uma longa tarde de Inverno, com toda a gente fechada em casa. E os quatro filhos dos McDonald estavam de novo a fazer o que era hábito — a discutir, a implicar uns com os outros, a lutar por causa dos brinquedos. Em momentos como aquele, a mãe chegava a crer que os filhos não gostavam uns dos outros, embora soubesse que não era verdade. Todos os irmãos e irmãs brigam, claro, mas ultimamente o seu irrequieto rancho estava a portar-se pessimamente, sobretudo Eric e Kelly, que tinham apenas um ano de diferença. Pareciam decididos a passar o Inverno inteiro a atormentar-se um ao outro.

— Dá-me isso. É meu!

— Não é, ó gorducho! Eu peguei primeiro!

A mãe suspirou quando ouviu a última discussão na sala de estar. Com o Natal dali a um mês, a casa dos McDonald parecia tristemente esvaziada do espírito natalício! Devia ser um tempo de partilha e amor, de sentimentos ternos e corações quentes. Um lar precisava de mais do que embrulhos bonitos ou luzes cintilantes na árvore, para se imbuir do espírito do Natal. Mas como é que uma mãe poderia convencer os filhos de que serem amáveis uns com os outros era a forma mais importante de se prepararem para o Nascimento?

Veio-lhe apenas uma ideia. Há anos, a avó falara-lhe de um antigo costume, que ajudava as pessoas a descobrir o verdadeiro significado do Natal. Talvez resultasse com a sua família. Valia a pena tentar! A mãe reuniu os quatro malandretes e sentou-os nas escadas, do mais pequeno ao maior — Mike, Randi, Kelly e Eric.

— Meninos, querem pôr em prática um projecto para o Natal deste ano? — perguntou.

— É uma espécie de jogo, mas só pode ser jogado por pessoas que sejam capazes de guardar um segredo. São capazes de fazer isso?

— Eu sou! — berrou Eric, abanando freneticamente o braço no ar.

— Eu também sou capaz de guardar um segredo melhor do que ele! — gritou Kelly, saltando e agitando também o braço no ar. Se ia ser uma competição, Kelly queria ter a certeza de que venceria Eric.

— Eu sou! — disse Randi, sem saber ao certo o que estava a acontecer, mas não queria ficar de fora.

— Eu também! Eu também! Eu também! — guinchou o pequeno Mike, dando saltos.

— Então, é assim que o jogo funciona — explicou a mãe. — Este ano, vamos surpreender o Menino Jesus quando ele vier na véspera de Natal, fazendo-lhe a cama mais macia do mundo.

Vamos construir um pequeno berço para ele dormir aqui na nossa casa e enchê-lo de palha para o tornar confortável. Mas eis a surpresa: cada pedaço de palha que colocarmos na manjedoura representará uma boa acção que tivermos feito por alguém até ao Natal. Quanto mais bondosos formos, mais palha haverá para a manjedoura do Menino Jesus. O segredo é que não podemos dizer a ninguém quais são as boas acções que fazemos e por quem as fazemos.

Os filhos pareciam confusos.

— Como é que o Menino Jesus vai saber que é a cama dele? — perguntou Kelly.

— Ele saberá — disse a mãe. — Reconhecê-la-á pelo amor com que fizemos o seu berço bem macio!

— Mas, a quem faremos as boas acções? — perguntou Eric.

— É fácil — disse a mãe. — Fá-las-emos uns aos outros. Vamos escrever os nossos nomes, o meu e o do pai também, num papelinho, que poremos dentro deste chapéu. Uma vez por semana, daqui até ao Natal, retiraremos um nome do chapéu e faremos coisas boas por essa pessoa durante uma semana. Mas eis a parte difícil. Não podemos dizer a ninguém que nome calhou a cada um, e tentaremos fazer tantos favores quantos pudermos a essa pessoa, sem sermos descobertos. E, por cada boa acção secreta, iremos pondo mais uma palha no berço.

— E se me calhar uma pessoa de quem não gosto? — disse Kelly, franzindo as sobrancelhas.

A mãe pensou nisso durante um minuto.

— Talvez possas pôr mais palhas pelas coisas boas que fizeres por essa pessoa, porque decerto serão mais difíceis. Mas pensa como essas palhas a mais vão encher o nosso berço! Então, na véspera de Natal, poremos o Menino Jesus na sua caminha, e ele dormirá num colchão feito de amor. Creio que vai gostar, não te parece?

— E quem construirá o bercinho? — perguntou ainda Kelly.

Uma vez que Eric era o mais velho, e o único filho que tinha autorização para usar ferramentas, foi à cave fazer a tentativa. Durante duas horas, ouviram-se pancadas e ruídos fortes de serra. Depois, deixou de se ouvir barulho por muito tempo. Finalmente, Eric subiu as escadas com a manjedoura nos braços.

— Aqui está — disse ele, sorrindo. — O melhor berço do mundo! E fi-lo sozinho!

Pela primeira vez, todos estavam de acordo: a pequena manjedoura era o melhor berço do mundo. Uma perna era uns centímetros mais curta, e o berço balançava um pouco. Mas fora construído com amor – e cerca de cem pregos entortados – e duraria, certamente, muito tempo.

— Agora precisamos de palha — disse a mãe, e juntos dirigiram-se ao carro para irem à procura de alguma nos campos vizinhos. Surpreendentemente, ninguém discutiu para saber quem se sentava nesse dia no banco da frente, enquanto percorriam o campo, à procura de terreno não cultivado. Por fim, avistaram um pequeno pedaço de terra que no Verão estivera coberto de erva alta. Agora, em meados de Dezembro, a erva secara e transformara-se em caules amarelos que pareciam palha verdadeira.

A mãe parou o carro e os filhos saíram para apanhar molhos de erva.

— Chega! — disse a mãe, por fim, a rir quando viu que a caixa de cartão na mala estava a transbordar. — Não se esqueçam, é apenas um berço pequeno.

Regressaram então a casa, onde espalharam com todo o cuidado a palha num tabuleiro que a mãe pusera na mesa da cozinha. A manjedoura vazia foi colocada suavemente em cima dela, e a palha escondeu a perna mais curta.

— Quando podemos tirar os nomes? — gritaram as crianças.

— Assim que o pai chegar a casa para jantar — respondeu a mãe.

Nessa noite, à mesa, os seis nomes foram escritos em pedaços de papel, que foram dobrados e misturados num chapéu. Começou então a extracção.

Kelly tirou o primeiro e soltou um riso abafado. Randi meteu a mão no chapéu. O pai olhou de relance para o pedaço de papel e sorriu discretamente por detrás da mão. A mãe tirou um nome, mas o rosto não deu uma única pista. Em seguida, o pequeno Mike meteu a mão no chapéu, mas, uma vez que ainda não sabia ler, o pai teve de lhe sussurrar ao ouvido o nome que tirara. Eric foi o último a escolher e, quando desdobrou o pedaço de papel, uma ruga atravessou-lhe o rosto. Mas meteu o nome no bolso e não disse nada. A família estava preparada para começar.

A semana que se seguiu foi cheia de surpresas. Parecia que a casa dos McDonald fora subitamente invadida por um exército de gnomos invisíveis, e aconteciam coisas boas em toda a parte. Kelly entrava no quarto à hora de se deitar e encontrava a pequena camisa de dormir azul estendida e a cama aberta. Alguém limpou a serradura por debaixo do banco de carpinteiro sem que nada fosse pedido. As gotas de geleia no balcão da cozinha desapareceram, como por artes mágicas, depois do almoço, enquanto a mãe foi buscar o correio. E todas as manhãs, enquanto Eric lavava os dentes, alguém entrava sorrateiramente no seu quarto e fazia a cama. Não ficava bem feita, mas ficava feita.

— Onde estão os meus sapatos? — perguntou o pai numa manhã. Parecia que ninguém sabia, mas, antes de sair para o trabalho, apareceram no armário, todos engraxados.

A mãe apercebeu-se de outras mudanças durante essa semana. Os filhos não implicavam tanto uns com os outros nem brigavam tanto. Começava uma discussão... mas logo terminava sem motivo aparente. Até Eric e Kelly pareciam dar-se melhor. Na verdade, todas as crianças sorriam misteriosamente e soltavam risos abafados.

Quando chegou o domingo, todos estavam ansiosos por escolher de novo outros nomes, e desta vez houve mais risos e alegria no momento da extracção. Exceptuando Eric. Uma vez mais, desdobrou o pedaço de papel, olhou para ele e depois meteu-o no bolso sem dizer uma palavra. A mãe notou, mas nada disse.

A segunda semana do jogo trouxe mais acontecimentos surpreendentes. O lixo foi retirado sem que tal tivesse sido pedido. Houve até alguém que resolveu dois dos problemas mais difíceis de Matemática, numa noite em que Kelly deixara os trabalhos de casa em cima da mesa. O

pequeno monte de palha ia ficando mais alto e macio. Como faltavam apenas duas semanas para o Natal, as crianças interrogaram-se se a cama seria suficientemente confortável para o Menino Jesus.

— Quem fará de Menino Jesus? — perguntou Randi na noite do terceiro domingo, depois de terem tirado novos nomes.

— Talvez possamos utilizar uma das bonecas — sugeriu a mãe.

— Porque é que tu e o Mike não se encarregam de escolher a melhor?

Os dois filhos mais novos foram buscar as bonecas favoritas, mas todos queriam ajudar a escolher o Menino Jesus. O pequeno Mike trouxe de rastos *Bozo*, o palhaço feito de trapos, e entregou-o cheio de orgulho, fungando, mais tarde, quando todos se riram. Passado pouco tempo, o querido ursinho de peluche de Eric, *Bruffles*, juntou-se às bonecas que enchiam o sofá. *Barbie* e *Ken* estavam lá, juntamente com *Cocas*, o sapo, cães e cordeiros, e até um macaco amoroso que a avó e o avô tinham mandado a Mike. Mas nenhum deles parecia adequado.

Apenas uma boneca antiga, que de tanto ser amada estava toda desfeita, parecia adequada para ocupar o lugar do Menino Jesus. *Bebé Tagarela*, fora assim chamada antes de deixar de palrar, e depois de ter tomado demasiados banhos.

— Tem um aspecto tão esquisito — disse Randi, e era verdade.

Uma vez, enquanto brincavam aos salões de beleza, Kelly cortara o seu próprio cabelo louro, bem como o da *Bebé Tagarela*, que ficara todo irregular. O cabelo de Kelly acabara por crescer, mas o da *Bebé Tagarela* não. Agora, as madeixas de cabelo louro espetadas na cabeça da boneca faziam com que esta parecesse um pouco desorientada. Mas os olhos eram azuis e brilhantes, e ela ainda conservava aquele sorriso no rosto, apesar de este estar manchado aqui e ali pelo toque de muitos dedinhos rechonchudos.

— Parece perfeita — disse a mãe. — O Menino Jesus talvez não tivesse muito cabelo quando nasceu, mas aposto que gostaria de ser representado por uma boneca que recebeu tantos abraços.

Tomada a decisão, as crianças começaram a fazer um fato novo para o Menino Jesus: um coletinho feito de tiras e de pedaços de fraldas de pano. E, melhor que tudo, o Menino Jesus cabia perfeitamente no pequeno berço. Mas, uma vez que ainda não estava bem na hora de dormir, foi colocado cuidadosamente numa prateleira, no armário do corredor, à espera da véspera de Natal.

Entretanto, o monte de palha ia crescendo cada vez mais. Todos os dias havia novas e diferentes surpresas, enquanto os gnomos secretos continuavam a sua actividade. A casa dos McDonald estava finalmente preenchida com o espírito do Natal. Apenas Eric estivera estranhamente calado desde a terceira semana da escolha dos nomes. A última noite de extracção dos nomes coincidiu com a antevéspera de Natal. Quando a família se sentou à volta da mesa para colocar o último conjunto de nomes no chapéu, a mãe disse:

— Fizeram todos um excelente trabalho. Deve haver centenas de palhas no nosso berço, talvez mil. Deviam ficar muito contentes com a cama que fizeram. Mas, não se esqueçam, ainda falta um dia. Ainda temos algum tempo para tornar a cama mais fofa antes de amanhã à noite. Vamos tentar.

Pela última vez, o chapéu foi passado à volta da mesa. O pequeno Mike tirou um nome e o pai sussurrou-lho ao ouvido, como fizera todas as semanas. Randi desdobrou o dela debaixo da mesa com todo o cuidado, espreitou e depois deixou cair os pequenos ombros, sorrindo. Kelly meteu a mão no chapéu e deu uma risadinha quando viu o nome. A mãe e o pai tiraram os papéis e depois passaram o chapéu com o último nome a Eric. Mas, quando este desdobrou o pequeno pedaço de papel e o leu, o seu rosto enrugou-se e pareceu que ia desatar a chorar. Sem uma palavra, fugiu da sala. Todos se levantaram imediatamente da mesa, mas a mãe deteve-os.

— Não! Fiquem onde estão — disse ela. — Deixem-me falar com ele a sós.

Assim que chegou ao cimo das escadas, a porta de Eric abriu-se ruidosamente. Estava a tentar vestir o casaco com uma mão enquanto segurava uma pequena mala com a outra.

— Tenho de me ir embora — disse ele, calmamente, por entre lágrimas. — Se não for, estragarei o Natal de todos!

— Mas porquê? E para onde vais? — perguntou a mãe.

— Posso dormir no meu forte durante dois dias. Volto para casa depois do Natal. Prometo.

A mãe disse-lhe que ele ia morrer de frio por causa da neve, sem luvas nem botas, mas o pai, que já estava atrás dela, colocou-lhe a mão no braço e abanou a cabeça. A porta da rua fechou-se e todos ficaram a olhar pela janela enquanto o pequeno vulto, com os ombros tristemente arqueados e sem chapéu, atravessava a rua e se sentava num banco de neve perto da esquina. Estava frio e escuro, e alguns flocos de neve caíam sobre o menino e sobre a mala, ambos fustigados pelo vento.

— Mas ele vai morrer de frio! — disse a mãe.

— Dá-lhe cinco minutos — disse o pai, calmamente. — Depois podes ir conversar com ele.

O corpo dobrado já estava coberto de branco quando a mãe atravessou a rua, dez minutos mais tarde, e se sentou ao lado dele no banco de neve.

— O que se passa, Eric? Tens-te portado tão bem nestas últimas semanas, mas sei que há alguma coisa que te perturba desde que começámos o berço. Podes contar-me, querido?

— Ah, mãe, não vês? — fungou ele. — Esforcei-me tanto, mas não posso continuar, e agora vou estragar o Natal de todos. — E desatou a soluçar, atirando-se para os braços da mãe.

— Mas não entendo — disse a mãe, limpando as lágrimas do rosto de Eric. — Porque não podes continuar? E como é possível estragares o nosso Natal?

— Mãe — disse o menino por entre as lágrimas — não percebes. Tirei o nome da Kelly durante as *quatro semanas!* E eu detesto a Kelly! Não consigo fazer mais nada de bom por ela senão morro! Eu tentei, mãe. Tentei. Entrava sorrateiramente no quarto dela todas as noites e fazia-lhe a cama. E até lhe estendia a camisa de noite amarrotada. Esvaziava o caixote do lixo e,

uma noite, cheguei a fazer-lhe os trabalhos de casa, enquanto ela estava no quarto de banho. Mãe, um dia até a deixei usar o meu carro de corrida, mas ela bateu com ele na parede, como sempre! Tentei ser simpático com ela, mãe. Mesmo quando me chamou estúpido por causa da perna do berço estar curta, não lhe bati. E todas as semanas, quando tirávamos novos nomes, pensava que não voltaria a acontecer. Mas hoje à noite, quando voltei a tirar o nome da Kelly, percebi que não posso fazer mais nada de bom por ela, mãe. Não posso! E amanhã é véspera de Natal. Vou estragar o Natal de todos, quando estivermos prontos para colocar o Menino Jesus no berço. Não vês porque tinha de me vir embora?

Ficaram sentados em silêncio durante alguns minutos, o braço da mãe à volta dos ombros do filho. Apenas uma fungadela ocasional e um soluço quebrava o silêncio no banco de neve. Por fim, a mãe começou a falar suavemente:

— Eric, sinto-me tão orgulhosa de ti! Todas as coisas boas que fizeste deviam contar o dobro, porque te foi muito difícil ser simpático com a Kelly durante tanto tempo. Mas fizeste todas essas coisas boas, uma palha de cada vez. Deste o teu amor quando não era fácil dá-lo. Talvez seja isso o espírito do Natal. Se for demasiado fácil, talvez não estejamos verdadeiramente a dar muito de nós mesmos. As palhas que juntaste foram provavelmente as mais importantes, e devias estar orgulhoso! Mas agora, gostarias de ter oportunidade de ganhar algumas palhas fáceis? Tenho no meu bolso o nome que tirei esta noite, e ainda não olhei para ele. Porque não trocamos, só no último dia? Será o nosso segredo!

— Isso não é fazer batota?

— Não, não é fazer batota! — disse a mãe a sorrir.

Juntos, secaram as lágrimas, sacudiram a neve e voltaram para casa. No dia seguinte, a família inteira estava atarefada a cozinhar e a preparar a casa para o Dia de Natal, a embrulhar presentes de última hora e a esforçar-se por não dar largas à excitação. Mas, apesar de toda a actividade e ansiedade, um monte de palhas novas amontoava-se no berço que, ao cair da noite, estava a transbordar. Em horas diferentes, quando passavam por perto, cada membro da família, grande ou pequeno, parava, olhava por um momento para o monte maravilhoso, e depois sorria antes de se afastar. Estava quase na hora de o bercinho ser usado. Mas estaria suficientemente fofo? Uma palha ainda poderia fazer a diferença!

Por esse mesmo motivo, pouco tempo antes da hora de irem para cama, a mãe entrou em bicos de pés no quarto de Kelly para estender a pequena camisa de noite azul e abrir a cama. Mas parou na entrada, surpreendida. Alguém já lá estivera. A camisa de noite estava aberta em cima da cama, e um pequeno carro de corrida estava ao lado dela na almofada.

Afinal, a última palha fora a de Eric.